

Domingo III da Quaresma - Ano C – 23 março 2025

.....⁵Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converterdes, perecereis todos da mesma forma.»⁶Disse-lhes, também, a seguinte parábola: «Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi lá procurar frutos, mas não os encontrou. ⁷Disse ao encarregado da vinha: 'Há três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não o encontro. Corta-a; para que está ela a ocupar a terra?' ⁸Mas ele respondeu: 'Senhor, deixa-a mais este ano, para que eu possa escavar a terra em volta e deitar-lhe estrume. ⁹Se der frutos na próxima estação, ficará; senão, poderás cortá-la.'»
Lc 13, 5-9



Viver a Palavra

No quotidiano da nossa vida, entre os múltiplos afazeres do dia-a-dia que tantas vezes nos distraem e fazem dispersar, Deus faz-se presente, irrompendo na nossa história com a paciente e desconcertante misericórdia que transforma os nossos corações em lugares de conversão permanente.

Assim aconteceu com Moisés, que pastoreando o rebanho de Jetro, seu sogro, foi visitado por Deus naquela sarça que ardia sem se consumir. Naquela teofania, Deus revela-se para que Moisés fosse portador da vontade libertadora de Deus, que compadecido pela situação do Seu Povo no Egito, o quer libertar da escravidão e constituiu-o como Povo eleito.

Deste modo, a história de amor e de salvação que Deus estabelece com Israel, torna-se lugar de manifestação das maravilhas de Deus e S. Paulo recorda à comunidade de Corinto que a nossa história, à semelhança da história de Israel é chamada a ser história de amor e lugar concreto de manifestação da condescendência de Deus. Neste mesmo sentido, no Evangelho, Jesus ensina-nos a ler os acontecimentos da história como lugares interpeladores da efemeridade da nossa vida, evitando qualquer leitura catastrófica e punitiva, mas reconhecendo que o nosso quotidiano, na diversidade do seu devir é um constante apelo à conversão e à transformação do coração.

Deste modo, o grande desafio da vida cristã não é procurar sinais extraordinários e espetaculares da manifestação de Deus, mas precisamente no ordinário da vida, na normalidade da nossa existência, descobrir a beleza da ação silenciosa e misericordiosa de Deus. É a permanente lógica do mistério da Encarnação que nos recorda o modo que Deus escolhe para se relacionar connosco: assume a nossa natureza humana, faz-se presente na nossa história e revela-nos a grandeza do Seu amor, revelando-se por meio de «*palavras e gestos intimamente ligados entre si*» (DV 2). Torna-se ainda mais bela a ação de Deus quando se realiza deste modo, pois ao invés de um Deus que opera ações pontuais e extraordinárias na história, tomamos consciência que somos filhos amados de um Deus que se faz presente na sucessão dos nossos dias e que caminha ao nosso lado oferecendo sentido à nossa existência.

Assim, pode dizer-se que a Liturgia da Palavra de hoje se apresenta como uma janela com vista direta para o coração de Deus e permite-nos vislumbrar o modo como Deus se relaciona connosco. O diálogo que Deus estabelece com Moisés na sarça ardente revela-nos o desvelo e o cuidado que Deus nutre pelo homem e pela mulher, obra das Suas mãos: «*Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel*».

Estas quatro formas verbais – «vi», «escutei», «conheço» e «desci» – manifestam a absoluta condescendência de Deus e a dinâmica da Sua relação connosco. O Deus do amor e da misericórdia não é indiferente às nossas dores e angústias e escuta os gritos da nossa limitada condição humana. Ele conhece a nossa frágil humanidade com os seus clamores e desilusões e, por isso, vem ao nosso encontro e faz-se presente na nossa vida. Esta dinâmica de salvação assume carácter pleno, total e definitivo na encarnação de Jesus Cristo, que vem ao nosso encontro como rosto da misericórdia do Pai, não para condenar, mas para anunciar a paciente misericórdia de

Deus, que como o vinhateiro acredita que com paciência, perseverança e cuidado aquela figueira pode gerar frutos. *in Voz Portucalense*

+++++

No dia **19 de março**, a Igreja celebra a **Solenidade S. José**, Esposo da Virgem Santa Maria. Poderá ser oportuno na Eucaristia desta solenidade recordar todos os pais, dedicando-lhes, por exemplo, uma especial bênção na celebração. Na catequese desta semana, poderá ser uma oportunidade para um momento intergeracional com uma atividade catequética com pais e filhos, sobre o valor e importância da paternidade e da família. Como subsídio para estas atividades, pode usar-se a Mensagem da Comissão Episcopal Laicado e Família para esta efeméride (<https://leigos.pt/mensagem-comissao-episcopal-do-laicado-e-familia-para-o-dia-do-pai-2025/>). *in Voz Portucalense*

+++++

Já no **Tempo da Quaresma**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Êxodo 3,1-8a.13-15

Naqueles dias,

Moisés apascentava o rebanho de Jetro,
seu sogro, sacerdote de Madiã.

Ao levar o rebanho para além do deserto,
chegou ao monte de Deus, o Horeb.

Apareceu-lhe então o Anjo do Senhor
numa chama ardente, do meio de uma sarça.

Moisés olhou para a sarça, que estava a arder,
e viu que a sarça não se consumia.

Então disse Moisés: «Vou aproximar-me,
para ver tão assombroso espetáculo:

por que motivo não se consome a sarça?»

O Senhor viu que ele se aproximava para ver.

Então Deus chamou-o do meio da sarça:

«Moisés! Moisés!»

Ele respondeu: «Aqui estou!»

Continuou o Senhor:

«Não te aproximes daqui.

Tira as sandálias dos pés,
porque o lugar que pisas é terra sagrada».

E acrescentou: «Eu sou o Deus de teu pai,
Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob».

Então Moisés cobriu o rosto,
com receio de olhar para Deus.

Disse-lhe o Senhor:

«Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito;
escutei o seu clamor provocado pelos opressores.

Conheço, pois, as suas angústias.

Desci para o libertar das mãos dos egípcios
e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa,
onde corre leite e mel».

Moisés disse a Deus:

«Vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes:

‘O Deus de vossos pais enviou-me a vós’.

**Mas se me perguntarem qual é o seu nome,
que hei de responder-lhes?»**

Disse Deus a Moisés:

«Eu sou ‘Aquele que sou’».

E prosseguiu:

«Assim falarás aos filhos de Israel:

O que Se chama ‘Eu sou’ enviou-me a vós».

Deus disse ainda a Moisés:

«Assim falarás aos filhos de Israel:

‘O Senhor, Deus de vossos pais,

Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob,

enviou-me a vós.

Este é o meu nome para sempre,

assim Me invocareis de geração em geração’».

CONTEXTO

O livro do Êxodo é um dos livros mais importantes do Antigo Testamento. No seu centro está aquele que é o dogma central do credo israelita e a chave de compreensão da história e da fé judaica: a intervenção libertadora de Deus para salvar os hebreus da escravidão em que viviam, no Egito.

São numerosos os testemunhos da circulação de grupos nómadas ou seminómadas entre a terra de Canaan e o Egito durante o segundo milénio a.C. (cf. Gn 12,10-20; 37,25; 42,1-3; 43,1-2). Terra fecunda e fértil, alimentada pelo rio Nilo, o Egito constituía uma miragem de vida e abundância para os clãs que circulavam com os seus rebanhos pelas franjas do deserto; e diversos grupos humanos, interessados em assegurar a sua subsistência, dirigiam-se para o Egito, sobretudo em épocas de carestia de alimentos. Em alturas em que o poder central egípcio era menos forte, era relativamente fácil que essas migrações tivessem sucesso. Por outro lado, as campanhas militares de Tutmosis III (1468-1436 a.C.), de Amenófis II (1436-1412 a.C.), de Seti I (1317-1301 a.C.) e de Ramsés II (1301-1234 a.C.) na Síria e na Palestina, arrastaram para o Egito enormes colunas de prisioneiros, que foram obrigados a trabalhar nas grandes obras egípcias. Os estrangeiros a viver em terra egípcia eram, portanto, numerosos.

Não sabemos exatamente em que circunstâncias algumas famílias descendentes dos patriarcas bíblicos – Abraão, Isaac e Jacob – desceram ao Egito. Os capítulos 37 a 50 do livro do Génesis (o chamado “ciclo de José”) dão a entender que essas famílias tinham ido à procura de melhores condições de vida, numa altura em que a Palestina conhecia uma seca severa. Designados como “hebreus”, esses descendentes dos patriarcas bíblicos instalaram-se na zona oriental do delta do rio Nilo, na chamada “terra de Goshen” (Gn 46,28; 47,1-6).

No séc. XIII a.C., numa altura em que o poder central egípcio se tinha unificado e exercia um controle rigoroso sobre os grupos estrangeiros a residir no país, os clãs semitas que tinham imigrado para o Egito viram piorar consideravelmente as suas condições de vida. O livro do Êxodo explica que a opressão desses grupos humanos se consubstanciava em três aspetos: trabalhos forçados (cf. Ex 1,8-14), eliminação das crianças do sexo masculino (cf. Ex 1,15-22) e degradação progressiva das condições de trabalho (cf. Ex 5,6-23). Parecia uma situação sem saída. Diz-nos o livro do Êxodo: “os filhos de Israel gemiam na servidão, e ergueram até Deus o seu grito de socorro. Deus ouviu os seus gemidos e recordou-se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob. Deus viu os filhos de Israel e conheceu-os” (Ex 2,23-25).

Portanto, os escravos oprimidos pediram a ajuda de Deus. Dizer que “Deus ouviu os gemidos” do povo escravizado e que se “recordou da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob”, significa que Deus se prepara para intervir. Ele vai iniciar um projeto de libertação que abra de novo as portas da vida para aquele povo condenado à morte. Nesse sentido, Deus vai chamar um homem, um tal Moisés, que vai ser o “agente de Deus” nesse processo de libertação.

O texto que a primeira leitura deste terceiro domingo da Quaresma nos apresenta conta-nos como Deus se revelou a chamou Moisés, o chamou e lhe confiou a missão de libertar os escravos hebreus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Os lamentos dos escravos hebreus no Egito, privados de vida e de liberdade, têm paralelo, em pleno séc. XXI, no sofrimento de tantos homens e mulheres que todos os dias são vítimas de mecanismos de exploração, de injustiça, de violência e de morte. Um pouco por todo o lado, os povos lutam para se libertarem do imperialismo, da tirania, da violência, do autoritarismo de líderes medíocres e sem visão; os pobres lutam para se libertarem da miséria, da fome, da ignorância, da doença, das estruturas injustas; os “diferentes” lutam pelo direito ao reconhecimento e à integração plena na sociedade e nas Igrejas; os operários lutam pela defesa dos seus direitos, das suas condições de trabalho, de uma remuneração justa pelo seu serviço à sociedade; as mulheres lutam pela defesa

da sua dignidade e da sua igualdade fundamental com os homens; os estudantes lutam por um sistema de ensino que os prepare para desempenhar um papel válido na sociedade; os imigrantes lutam pela sobrevivência, pelo seu direito a uma vida “viável”, para eles e para as suas famílias... Como vemos e sentimos estas “lutas” pela vida, pela dignidade, pela liberdade? Temos consciência de que, em qualquer contexto e em qualquer momento onde alguém está a lutar por um mundo mais justo e mais fraterno, aí está Deus – esse Deus libertador e salvador que vive com paixão o sofrimento dos explorados e que não fica de braços cruzados diante das injustiças?

- O chamamento que Deus faz a Moisés para liderar o processo de libertação dos escravos hebreus no Egito lembra-nos que Deus age na nossa vida e na nossa história através de homens e mulheres de boa vontade, que aceitam ser seus instrumentos na libertação do mundo. Diante dos sofrimentos dos irmãos e dos desafios de Deus, como respondemos: com o comodismo de quem não está para se preocupar com os problemas dos outros? Com o egoísmo de quem acha que não é nada consigo? Com a passividade de quem acha que já fez alguma coisa e que agora é a vez dos outros? Ou com uma atitude de profeta, que se deixa interpelar por Deus e aceita colaborar com Ele na construção de um mundo mais justo e mais fraterno? Poderemos sentir-nos dignos filhos desse Deus que se revelou a Israel como “o libertador”, se não nos envolvermos na libertação dos nossos irmãos e irmãs vítimas de todo o tipo de escravidões?
- O “nome” de Deus, revelado a Moisés no Sinai, é “eu sou e serei sempre aquele que se preocupa convosco e vos acompanha”; “eu estou e estarei sempre com o meu povo nos caminhos que ele tiver de percorrer”. É um nome extraordinariamente sugestivo, um nome que nos dá garantias. Ao escutá-lo, ficamos com a certeza de que não caminhamos sozinhos, não estamos abandonados à nossa sorte, não vogamos sem destino em direção a coisa nenhuma... Deus, esse Deus libertador e salvador que apareceu na vida dos escravos hebreus para lhes dar vida, está e estará sempre ao nosso lado, envolvendo-nos com o seu amor, a sua bondade, a sua ternura de pai e de mãe. Caminhamos pela vida conscientes da presença contínua ao nosso lado desse Deus? A consciência dessa presença conforta-nos e dá-nos a força necessária para enfrentar a luta diária por uma vida digna, livre e feliz? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 102 (103)

Refrão: O Senhor é clemente e cheio de compaixão.

**Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.**

**Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades;
salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.**

**O Senhor faz justiça
e defende o direito de todos os oprimidos.
Revelou a Moisés os seus caminhos
e aos filhos de Israel os seus prodígios.**

**O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade.
Como a distância da terra aos céus,
assim é grande a sua misericórdia para os que O temem.**

LEITURA II – 1 Coríntios 10,1-6.10-12

**Irmãos:
Não quero que ignoreis
que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem,
passaram todos através do mar**

e na nuvem e no mar,
receberam todos o batismo de Moisés.
Todos comeram o mesmo alimento espiritual
e todos beberam a mesma bebida espiritual.
Bebiam de um rochedo espiritual que os acompanhava:
esse rochedo era Cristo.
Mas a maioria deles não agradou a Deus,
pois caíram mortos no deserto.
Esses factos aconteceram para nos servir de exemplo,
a fim de não cobiçarmos o mal,
como eles cobiçaram.
Não murmureis, como alguns deles murmuraram,
tendo perecido às mãos do Anjo exterminador.
Tudo isto lhes sucedia para servir de exemplo
e foi escrito para nos advertir,
a nós que chegámos ao fim dos tempos.
Portanto, quem julga estar de pé
tome cuidado para não cair.

CONTEXTO

Corinto, cidade nova e próspera, era a capital da Província romana da Acaia e a sede do procônsul romano. Servida por dois portos de mar, nela se cruzavam pessoas de todas as raças e religiões. Era a cidade do desregramento para os marinheiros que cruzavam o Mediterrâneo e que, após semanas de navegação, chegavam com vontade de se divertir. No centro da cidade, o templo de Afrodite, a deusa grega do amor, atraía os peregrinos e favorecia os desregramentos e a libertinagem sexual. Na época de Paulo, a cidade comportava cerca de 500.000 pessoas, das quais dois terços eram escravos. A riqueza escandalosa de alguns contrastava com a miséria da maioria.

No decurso da sua segunda viagem missionária, Paulo chegou a Corinto, depois de atravessar boa parte da Grécia, e ficou por lá cerca de 18 meses (anos 50-52). De acordo com At 18,2-4, Paulo começou a trabalhar em casa de Priscila e Áquila, um casal de judeo-cristãos. Ao sábado, usava da palavra na sinagoga. Com a chegada a Corinto de Silvano e Timóteo (2 Cor 1,19; At 18,5), Paulo consagrou-se inteiramente ao anúncio do Evangelho.

Como resultado da pregação de Paulo, nasceu a comunidade cristã de Corinto. A maioria dos membros da comunidade era de origem grega, embora de condição humilde (cf. 1 Cor 11,26-29; 8,7; 10,14.20; 12,2); mas também havia elementos de origem hebraica (cf. At 18,8; 1 Cor 1,22-24; 10,32; 12,13). De uma forma geral, a comunidade era viva e fervorosa; no entanto, estava exposta aos perigos de um ambiente corrupto: moral dissoluta (cf. 1 Cor 6,12-20; 5,1-2), querelas, disputas, lutas (cf. 1 Cor 1,11-12), sedução da sabedoria filosófica de origem pagã que se introduzia na Igreja revestida de um superficial verniz cristão (cf. 1 Cor 1,19-2,10). Na comunidade de Corinto, vemos as dificuldades da fé cristã em inserir-se num ambiente hostil, marcado por uma cultura pagã e por um conjunto de valores que estão em profunda contradição com a pureza da mensagem evangélica.

O texto que a liturgia nos propõe como segunda leitura deste domingo integra uma secção da carta onde Paulo aborda questões diversas, algumas referentes a questões que os coríntios lhe colocaram (cf. 1 Cor 7,1-11,1), por exemplo, a bondade do matrimónio e do celibato (cf. 1 Cor 7,1-40), ou a licitude de comer a carne dos animais oferecidos aos ídolos nos santuários pagãos (cf. 1 Cor 8,1-13). Mas a secção referida inclui também algumas exortações e avisos... Por exemplo, Paulo exorta os coríntios a não desistirem de “correr” até chegarem à meta e alcançarem o prémio que Deus entregará àqueles que vivem de forma comprometida a existência cristã (cf. 1 Cor 9,1-10,22). *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Já bem adentrados neste caminho da Quaresma, somos convidados, a partir da segunda leitura deste domingo, a rever o nosso empenho e o nosso compromisso com o seguimento autêntico de Jesus. Para sermos cristãos, não basta termos o nosso nome no livro de registo de batismos da nossa paróquia; nem basta participarmos rotineiramente na eucaristia dominical, a fim de tranquilizar a consciência e “cumprir o preceito”. Ser cristão autêntico passa por renovar cada dia o compromisso com Jesus e por segui-l’O sem hesitações no caminho do amor e do dom da vida. O tempo da Quaresma pode ser a oportunidade para redescobriremos o princípio e o fundamento da nossa fé, para eliminarmos os obstáculos que nos impedem de viver com coerência e verdade, para

redesenhamos as nossas opções e valores, para nos aproximarmos mais de Deus e do seu amor. Neste tempo favorável de conversão e de renovação, aceitamos esse desafio? O que é que está a impedir-nos de seguir Jesus, de viver ao seu estilo, de caminhar ao ritmo das indicações de Deus? Quais são as escolhas e os valores que precisamos de purificar e, talvez, de redefinir?

A ideia de que a vivência religiosa se traduz no cumprimento de certos gestos externos, na observância de determinadas regras, ou na participação nos serviços litúrgicos previstos no calendário religioso, pode facilmente fazer-nos cair no autoconvencimento. Uma vez que cumprimos o que está estipulado pela lei e pela tradição, sentimo-nos em regra com Deus; Ele não tem nada a apontar-nos e, portanto, “deve-nos” a salvação. Esquecemos que a salvação não é uma conquista nossa, mas um dom absoluto do amor de Deus. Por outro lado, esse autoconvencimento pode tornar-nos arrogantes com os nossos irmãos. Convictos da nossa autoridade moral, facilmente caímos na tentação de julgar e de condenar as pessoas que não cumprem as regras ou que têm comportamentos e atitudes consideradas religiosamente incorretas. Paulo lembra-nos a nossa fragilidade e convida-nos a tomar um banho de humildade: “quem julga estar de pé, tome cuidado para não cair”. Como é que entendemos a nossa relação com Deus: é como uma troca comercial, na qual cumprimos determinados serviços para obter a paga correspondente? Estamos conscientes de que a salvação é um dom de Deus, fruto exclusivo do seu amor? Reconhecemos a nossa fragilidade e abtemo-nos de julgar e condenar os outros?. *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Lucas 13,1-9

**Naquele tempo,
vieram contar a Jesus
que Pilatos mandara derramar o sangue de certos galileus,
juntamente com o das vítimas que imolavam.
Jesus respondeu-lhes:
«Julgais que, por terem sofrido tal castigo,
esses galileus eram mais pecadores
do que todos os outros galileus?
Eu digo-vos que não.
E se não vos arrependerdes,
morrereis todos do mesmo modo.
E aqueles dezoito homens,
que a torre de Siloé, ao cair, atingiu e matou?
Julgais que eram mais culpados
do que todos os outros habitantes de Jerusalém?
Eu digo-vos que não.
E se não vos arrependerdes,
morrereis todos de modo semelhante.
Jesus disse então a seguinte parábola:
«Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha.
Foi procurar os frutos que nela houvesse,
mas não os encontrou.
Disse então ao vinhateiro:
‘Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira
e não os encontro.
Deves cortá-la.
Porque há de estar ela a ocupar inutilmente a terra?’
Mas o vinhateiro respondeu-lhe:
‘Senhor, deixa-a ficar ainda este ano,
que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo.
Talvez venha a dar frutos.
Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano».**

CONTEXTO

O Evangelho deste domingo situa-nos já no contexto da caminhada de Jesus e dos discípulos para Jerusalém (cf. Lc 9,51-19,28). É uma das secções mais originais do Evangelho segundo Lucas, não tanto pelos materiais que aqui aparecem (que são, em parte, comuns a Mateus), mas pelo enquadramento que Lucas lhes dá: o cenário de uma “viagem” a caminho de Jerusalém.

No Evangelho segundo Lucas, o “caminho” para Jerusalém, mais do que um caminho geográfico, é um caminho espiritual. É uma viagem longa, feita sem pressas, durante a qual Jesus vai instruindo os discípulos, preparando-os para serem testemunhas do Reino de Deus. A cada passo, Jesus aproveita para “formar” os discípulos que o acompanham (mesmo quando as palavras de Jesus se dirigem às multidões, como é o caso do episódio de hoje, são os discípulos que rodeiam Jesus os primeiros destinatários da mensagem); a cada passo Jesus confronta os discípulos com as visões distorcidas que eles têm do projeto de Deus, com os interesses mesquinhos que os movem, com os valores que os animam e que contradizem frequentemente o dinamismo do Reino de Deus. Ao longo do “caminho” os discípulos, guiados por Jesus, são chamados a um processo de purificação que os identifique cada vez mais com o projeto de Jesus e com os valores do Reino.

Esta secção do Evangelho segundo Lucas apresenta características especiais: uma parte significativa do material só aparece no Evangelho de Lucas; usam-se frequentemente expressões que falam de caminhada, mas evitam-se as referências geográficas ou topográficas; predominam as parábolas e ditos de Jesus, em detrimento dos “milagres”. Jesus é, ao longo do “caminho”, o “mestre” (“rabi”) que instrui os seus discípulos e que os prepara para viverem segundo a lógica do Reino de Deus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O veemente apelo de Jesus à conversão tem um eco especial neste tempo de Quaresma. A “conversão” não se traduz no simples arrependimento pelas faltas cometidas, ou por uma penitência externa que acalme a nossa consciência culpada; mas implica uma mudança do sentido da nossa vida, de forma que Deus volte a ser novamente a nossa referência, o princípio e o fundamento do nosso projeto. “Converter-se” é mudar o rumo da nossa vida e “voltar para trás” ao encontro de Deus; “converter-se” é deixar de correr atrás dos nossos interesses egoístas e abraçar o projeto que Deus tem para nós; “converter-se” é livrar-se dos preconceitos mesquinhos, dos julgamentos apressados, das leituras parciais, das condenações sem misericórdia, para passarmos a ver o mundo e os homens com o olhar bondoso de Deus; “converter-se” é abandonar a indiferença e o egoísmo cómodo para “ver” os homens e mulheres condenados a uma vida sem saída e para lhes dar a mão; “converter-se” é rever os valores sobre os quais construímos o nosso projeto de vida e prescindir daquilo que nos faz mal, que nos escraviza, que nos torna menos humanos. Neste tempo de Quaresma, estamos dispostos a fazer esta mudança na nossa vida? Quais são as dimensões, os aspetos, as questões a que daremos prioridade?
- A parábola da figueira sugere que a conversão não é algo que possamos adiar indefinidamente. Deus é paciente e cheio de misericórdia; mas quer de nós respostas concretas e convincentes. Ele não admite que vivamos indecisos ou acomodados ao nosso bem-estar e que não tenhamos a coragem de assumir as opções que podem dar sentido à nossa existência. O tempo da nossa vida é limitado e corre sem nos darmos conta. Se formos adiando, uma e outra vez, as escolhas que se impõem, estaremos a frustrar o plano de Deus para nós e para o mundo e estaremos a passar ao lado da vida. Quanto mais depressa brotar em nós o “Homem novo”, mais depressa encontraremos a nossa realização plena. Podemos permitir-nos isso adiar e perder oportunidades? Estamos conscientes da urgência da conversão?
- Jesus é bastante claro: uma figueira que não produz frutos é uma árvore inútil, que não está a cumprir o seu papel. Não serve para nada. É óbvio que Jesus, através da imagem da figueira, está a falar de nós, a questionar-nos sobre a forma como nós correspondemos aos cuidados de Deus. Nós, que crescemos na “escola de Jesus” e que somos constantemente interpelados pelo Evangelho de Jesus, produzimos, na vida de todos os dias, os frutos saborosos que Deus espera? Os frutos que produzimos contribuem para tornar mais doce o mundo e a vida de todos aqueles que caminham ao nosso lado? O que podemos fazer para dar mais frutos?
- Jesus rejeita categoricamente qualquer relação entre as desgraças que atingem algumas pessoas e um eventual castigo de Deus pelo pecado. Na verdade, considerar que Deus é uma espécie de comerciante, com a contabilidade organizada, que conhece os seus devedores e os castiga pelas suas dívidas, é dar azo a uma grave deformação da imagem e da realidade de Deus. Temos de evitar associar Deus aos males que acontecem no mundo e na vida dos homens. O mal não vem de Deus, mas sim da nossa debilidade, do nosso pecado, da finitude e dos limites deste mundo que está, a cada instante, a construir-se. O que Deus faz é estar ao nosso lado a cada momento, a cuidar das nossas feridas, a apontar-nos o caminho que devemos percorrer para chegar à vida. Como vemos Deus? Consideramo-lo responsável pelas coisas que estragam a nossa vida e desfeiam o mundo? *in Dehonianos*.

para chegar até ao irmão.

Ao romper,
com este gesto de gratuita proximidade,
as leis e as cátedras do investimento bem calculado,
um manancial de eternidade
te chegará entre tuas pedras,
e fará de ti um servidor de todos,
cheio de graça e de sabor.

Benjamin González Buelta
in 'Salmos para sentir e saborear as coisas internamente'